



**Universidade:  
presente!**

**UFRGS**  
PROPEAQ



**XXXI SIC**

21. 25. OUTUBRO • CAMPUS DO VALE

<b>Evento</b>	Salão UFRGS 2019: SIC - XXXI SALÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UFRGS
<b>Ano</b>	2019
<b>Local</b>	Campus do Vale - UFRGS
<b>Título</b>	O risco e suas materialidades na política de prevenção, controle e vigilância do Aedes aegypti em Porto Alegre
<b>Autor</b>	NATHÁLIA DOS SANTOS SILVA
<b>Orientador</b>	JEAN SEGATA

**Título do trabalho:** O *risco* e suas materialidades na política de prevenção, controle e vigilância do *Aedes aegypti* em Porto Alegre.

**Autor:** Nathália dos Santos Silva

**Orientador:** Jean Segata

**Instituição:** Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Em diálogo com os Estudos Sociais da Ciência, Antropologia da Ciência e da Tecnologia e Estudos Multiespécies, esta apresentação discute o “risco” e suas materialidades no contexto específico da política de prevenção, controle e vigilância do *Aedes aegypti* em Porto Alegre. A discussão é parte de um estudo etnográfico ainda em andamento, integrado ao projeto de pesquisa coordenado pelo Prof. Jean Segata sobre “os mosquitos e suas infraestruturas digitais”. Para além da perspectiva simbólica ou sociodiscursiva da construção do “risco”, experimento uma abordagem do modo como ele é *performedo* (no sentido de Annemarie Mol) nas práticas que fazem essa política pública.

A estratégia metodológica articula observação participante, entrevistas e análise de documentos. Entre setembro e dezembro de 2018, realizei trabalho de campo junto aos biólogos, veterinários e jornalistas que gerenciavam a política de combate ao mosquito na Equipe de Vigilância de Roedores e Vetores (EVRV), em uma das salas da Coordenadoria Geral de Vigilância em Saúde (CGVS) da Prefeitura de Porto Alegre. Ao frequentar a EVRV, acompanhei o trabalho de gestores e de residentes em biologia, participei de reuniões com outros setores da CGVS, realizei entrevistas e também conheci algumas das agentes de endemia - que nunca permaneciam muito tempo na sala, pois seu trabalho principal é na rua vistoriando armadilhas de mosquitos instaladas pela cidade e enviando informações aos gestores. Destaco que o *Aedes* não é o único vetor de doenças monitorado pela EVRV, embora mobilizasse a maior infraestrutura tecnológica e pessoal de que a equipe dispunha naquele momento.

Inspirada nas etnografias de laboratório, acompanhei o modo como os gestores se engajam não só com colegas de outras equipes da CGVS, mas também com armadilhas, aplicativos, servidores, plataformas de gestão online, fórmulas matemáticas, tabelas, gráficos, mapas, índices, conceitos e categorias em uma série de operações que, cotidianamente, transformavam mosquitos em informações, informações combinadas em dados e dados em enunciados sobre o nível de risco epidêmico. Esses enunciados poderiam mobilizar tanto ações de bloqueio químico, instalações de novas armadilhas e diagnósticos nas anamneses médicas, quanto justificações sobre a relevância e urgência da continuidade ou não da própria política. Uma série de tensionamentos emerge desse processo em que performar o risco também performa a epidemia.

A partir desse contexto etnográfico, as discussões realizadas têm como horizonte o tema mais amplo das diferentes realidades da convivência entre pessoas, tecnologias e ambientes. As potencialidades e os limites em estudar as práticas de uma política pública de vigilância em aproximação com teorias etnográficas do distinto contexto dos laboratórios científicos também é tema de reflexão neste trabalho.